

# Entrevista de domingo

**PAULO HARTUNG**

45 ANOS, ECONOMISTA, GOVERNADOR DO ESPÍRITO SANTO

## “Retroceder, nunca mais”

Paulo Hartung afirma: “Gente que nos fez passar muita vergonha não pode ter espaço na política capixaba de novo”

Texto **CLAUDIA FELIZ** Foto **CHICO GUEDES**

AS12017

### TRAJETÓRIA

#### Militante estudantil



Hartung foi eleito presidente do DCE da Ufes, reaberto com o fim da ditadura militar. FOTO: ARQUIVO A GAZETA

#### Parlamento



Aos 25 anos, elegeu-se deputado estadual pela primeira vez. Em 1987, foi reeleito. FOTO: GILDO LOYOLA

Sua consciência crítica, a militância estudantil e os dribles que deu jogando handebol e futebol de salão foram úteis para Paulo Hartung praticar o jogo pesado da política, desde a década de 80, quando venceu sua primeira eleição, para deputado estadual. Mas, dentre os seus mais ferrenhos adversários, certamente, o mais assustador foi o que ele enfrentou este ano: um tumor maligno que o fez perder um rim e repensar a vida. Meses depois, dores e um novo susto: cálculos na vesícula levaram-no, de volta a uma mesa de cirurgia. Hoje, curado e confiante, embora sensível – por duas vezes, chorou durante esta entrevista – Hartung prevê um 2005 muito bom para o Espírito Santo. “Temos muito a oferecer ao Brasil”, diz o governador.

#### Quando o senhor começou a desenhar seu futuro?

Eu não fiz planejamento. Na época de secundarista, atuava num grêmio que tratava do esporte, de festas, vida cultural. O próprio gosto pela leitura veio do esporte, incentivado pelo professor de Educação Física João Augusto Vasconcelos, que havia estudado Filosofia. Na Ufes, comecei a me interessar pelo movimento estudantil.

#### Sua meta era ser político?

Não, tentei ser funcionário público. Estudei Economia

beleceu limites muito claros. Construimos um relacionamento com solidariedade, compreensão e uma visão de que era preciso ter nossa vida privada preservada.

#### Isso não é difícil, principalmente como governador?

A gente foi subindo uma escada – eu na política, ela por sua vida profissional. Aos nossos filhos sempre passamos a visão de que eu ocupava funções temporárias. A família tem que entender que não governa, que o Governo tem que ser tocado por gente que tem competência.

#### Vocês se sentem invadidos, às vezes?

Essa coisa das pessoas confundirem os espaços, hoje,

#### Difícil é unir os diferentes.

A tradição no Brasil é de um desenvolvimento excludente, que contempla grupos, corporações. Isso talvez explique essa baita desigualdade social que temos. O que é unir o Estado? É unir seu povo, sua gente de bem, partidos políticos nas suas divergências, mas convergindo em cima de objetivos maiores? Sim. Não se combate crime organizado, sonegação, sem contar com o Ministério Público, Legislativo, Judiciário. Não era uma obra para uma pessoa, um grupo ou facção.

#### O que favoreceu?

Encontramos muita dificuldade e vimos que para enfrentar bandido, corrupto, sonegador, era preciso um

**“Hoje sou mais tolerante, cresci muito. Para o ser humano, a reflexão em torno da vida e da morte é complexa, nos aproxima do humano”**

volume de investimentos que só se compara ao que ela teve no Governo Gerson Camata, há 22 anos. Nós vamos avançar no sistema de Saúde, na Educação, na Ciência e Tecnologia, na Cultura, na melhoria e na ampliação da nossa malha rodoviária.

#### Com recursos do Tesouro?

Sim. A gente tinha uma conta de R\$ 1,2 bilhão de restos a pagar, de governos anteriores, e no início do próximo ano a eliminaremos. Toda a dívida será paga, com fornecedores, funcionários, prestadores de serviço. Há involução até na conta de débito com exportadores, o ICMS de exportação.

#### Não existe milagre. O que causou essa mudança?





meira vez. Em 1987, foi re-eleito. FOTO: GILDO LOYOLA

## Rumo à Capital



Em 1992, Hartung, ao lado da mulher, Cristina, faz campanha para prefeito de Vitória. FOTO: CHICO GUEDES

## Articulador



Reunido em Vitória com o então senador Fernando Henrique Cardoso e políticos do PSDB. FOTO: CHICO GUEDES

## No BNDES



Paulo Hartung, diretor do BNDES, com Luiz Carlos Mendonça de Barros e Antônio Kandir. FOTO: DIVULGAÇÃO

*“O Espírito Santo pode ajudar muito o Brasil, que nos vê com outros olhos, mas não do jeito que precisamos. Podemos ser provedores em logística, somos a principal fronteira na descoberta de óleo e gás. Mas há muito a fazer, além de ensinar o povo a comer moqueca e a ouvir congo”*

### Sua meta era ser político?

Não, tentei ser funcionário público. Estudei Economia porque economistas eram importantes naquela época. Havia figuras como Mário Henrique Simonsen, Celso Furtado... Pensei em ser militar, mas fui dispensado porque passei no vestibular. Eu e muitos colegas da Ufes queríamos ser funcionários do Banes, um empregão naquela época, ou do Instituto Jones.

**“Na transição, quando eu e José Teófilo vimos o tamanho dos rombos principais do Estado, achei que minha carreira política fosse ser encerrada”**

### Que reunia a inteligência...

Sim, o pessoal que formulava. Fiz provas nas duas instituições, fui selecionado, mas o Governo Eurico Rezende cancelou a seleção. Quando me formei, fui gráfico. Eu e uns amigos abrimos uma gráfica na Ilha de Santa Maria. Coisa de militante, uma gráfica para fazer panfletos (risos). Lancei minha candidatura para vereador, mas Stan Stein entrou no meu lugar e eu fui lançado candidato a deputado estadual.

### Era um passo muito longo.

Sim, mas veio o voto vinculado dos militares, a candidatura do Gerson Camata, e me elegi nessa onda, com ajuda dos estudantes. Não conhecia nem metade dos municípios capixabas e tive quase 20 mil votos, no Estado inteiro.

### Sentiu muito o peso da responsabilidade?

É um espaço diferente, mexe na vida da família, envolve o público, o privado. Eu estava casado...

### Dizem que sua mulher esta-

quase não é mais digna de registro. Sabem que eu preciso ter um horário para estar com a minha esposa, ir a um cinema, a um teatro. Que lugar de despachar com o governador é no Palácio Anchieta. A gente precisa de um tempo para namorar, curtir os filhos... E Cristina pontuou isso ao longo da minha vida - usando uma expressão dela, de psicanalista. Talvez tenha sido mais difícil para nós a fase em que fui senador: eu lá em Brasília e ela aqui.

### As preocupações são bem diferentes, em cada cargo...

Ah, o Senado é um paraíso diante da realidade que enfrentei aqui como governador! É uma casa de debate da melhor qualidade. A responsabilidade que se assume, principalmente num governo destruído...

### Faltava luz no fim do túnel?

Cheguei a falar com amigos próximos que ficaria só acertando coisas erradas dos outros, num trabalho burocrático. E isso não cria marcas que qualquer ser humano quer criar. A gente quer melhorar a Educação, a Saúde, a infraestrutura do Estado, atrair investimentos. Naquele momento, eu me assustei. Não perdi a raça, não perdi a garra, mas vi que seria uma missão de muito sofrimento.

### Que poderia macular sua história de sucesso...

Não do ponto de vista do que aconteceu com outros governantes. Mas é extraordinária a capacidade de reação, o pacto que a gente conseguiu fazer. Montamos um projeto de recuperação do Estado.

bloco sólido. Minha geração tem defeitos, mas vê qualidade nas pessoas, sabe unir.

### Que defeitos o político Paulo Hartung precisa corrigir?

Acho que muitos. Mas hoje sou mais tolerante, cresci muito neste ano. Para o ser humano, a reflexão sobre a vida e a morte é complexa. Ela nos aproxima do humano...

### Faz a gente enxergar o nosso verdadeiro tamanho...

Logo depois do primeiro problema de saúde, escrevi para mim mesmo que havia saído daquilo tudo muito melhor. É bom alguém que exerce um cargo como este que eu exerço, por delegação da população, não perder o sentido das coisas. Me esforço, mas tenho muito a aprender.

### O que o senhor busca com tantas mudanças de partido?

A vida partidária do país é muito desorganizada. Normalmente os partidos têm dono e não têm ideologia. Como diria Cazuza, “ideologia, eu quero uma pra viver”. Alguém, sem tradição familiar, que emerge num mundo em que os espaços têm dono, sobrenomes fortes, se vê diante de muitos obstáculos. Algumas das mudanças aconteceram para que eu tivesse condições de disputar na política; outras, para me desviar de armadilhas.

### É bom não ter partido?

Foi bom para o processo eleitoral esse espaço de liberdade, para conviver com disputas legítimas nos municípios. E a máquina pública, que pertence ao cidadão que paga os impostos, não foi usada.

### Teria um preço hipotecar apoio a candidatos?

No Estado inteiro só fiz uma intervenção, lá em Linhares, porque havia risco de um retrocesso brutal. Estou orgulhoso da minha postura. O choque ético desceu para onde precisava, em alguns locais onde a situação ia mal, fruto de uma herança daquele passado. Se a gente olhar o que os Garotinho fizeram em Campos, tem orgulho do que aconteceu aqui. Em Vitória, nenhum dos três que participaram mais diretamente eram adversários do Governo. Cesar Colnago e João Coser não representavam retrocesso. Por outro lado, eu preciso do PT e do PSDB. O Estado precisa.

### 2005 vai ser bom?

Em 2003 e 2004 avançamos além do que o plano estratégico do Governo previa. E acho que 2005 vai ser muito melhor. Os investimentos privados que estão aportando no Estado são muito bons, a máquina pública vai ter um

## Muitos partidos

Paulo Hartung, 45 anos, nasceu em Guaçuá, Sul do Espírito Santo. É casado com a psicanalista Cristina Chequer e tem dois filhos, Gabriel e Júlia. Na Ufes, onde cursou Economia, ligado ao PCB foi eleito presidente do DCE. Em 1982, filiou-se ao PMDB e se elegeu deputado estadual. Depois, foi deputado federal, senador, prefeito de Vitória e hoje governa o Estado. Foi filiado também ao PSDB, PPS e PSB. Hoje, está sem partido.

**“TUDO ZEN”.** Na Residência Oficial da Praia da Costa, Hartung dispõe de privacidade e pode repor suas energias

Conseguimos diminuir as despesas e tivemos uma melhora de receita. Porque a sonegação era brutal. A gente lidera receita de ICMS desde 2003. A ação contou com apoio do Judiciário, que casou liminares, da Assembléia Legislativa, e empenho da fiscalização. Em 2005, responsávelmente, poderemos melhorar a remuneração dos servidores. A gente só não pode brincar, porque despesa pública é igual a pasta fora do tubo. Depois que saiu...

### Para onde ia o dinheiro?

Pois é. Só com combustíveis, a arrecadação cresceu 62% em 2003. No ano passado, com combustíveis e lubrificantes, arrecadamos mais R\$ 130 milhões. Não aumentou o consumo, nem aumentou o preço. Esse dinheiro estava sendo sonegado, alimentando fortuna de empresário inescrupuloso, político corrupto, autoridades das mais diversas instituições envolvidas com ações criminosas. Eu tenho consciência que mexemos com gente perigosa, violenta, sem limite, mas sigo em frente, não porque tenha vocação para valentão. Sigo porque sinto coesão da sociedade capixaba.

### Pensa em reeleição?

Meu plano é terminar este governo e tentar voltar para o Senado. Mas, para que isso aconteça, preciso arranjar um candidato a governador que a população tenha segurança que vá continuar o nosso projeto. Retroceder, nunca mais. Essa gente que nos fez passar muita vergonha não pode ter espaço na política capixaba de novo.